

Lygia Bojunga, da leitura à escritura

Prof^a. Dr^a. Ana Letícia Lealⁱ (PUC-Rio)

Resumo:

*Lygia Bojunga iniciou a carreira literária em 1971, vencendo um concurso que buscava novas obras dedicadas a crianças. Em seu primeiro livro dedicado a adultos (**Livro, um encontro**, 1988), ela conta sua trajetória de leitora a escritora. Para começar, aos sete anos deixou de lado os quadrinhos norte-americanos para ocupar-se da obra de Monteiro Lobato. A questão que se coloca é a da formação desta autora, que hoje tem 40 prêmios, nove internacionais. Mais ainda, é problematizada a formação do escritor de textos literários na contemporaneidade, na aurora do book e em meio a tantas novas tecnologias. Num tempo que demanda a leitura de literatura e dos diversos produtos de uma indústria cultural que tem sempre novidades, a construção por parte da autora de uma certa intimidade é vista aqui como provocação ao trabalho do futuro escritor. Discute-se, em suma, a transmissão da experiência literária na contemporaneidade, através da obra de Lygia Bojunga.*

Palavras-chave: leitura, escritura, contemporaneidade, Lygia Bojunga

Introdução

Diz-se que o mercado editorial brasileiro se profissionalizou nos últimos 15 anos. O trabalho, antes realizado entre parentes, deu lugar a funcionários da área de Comunicação. A direção de marketing deu as mãos à direção editorial. Editoras tradicionais passaram a compor grandes grupos. Pequenos editores não param de surgir, valendo-se da tal profissionalização. Lygia Bojunga Nunes, porém, escolheu o caminho contrário.

A escritora, que há muito deixou de limitar-se aos gêneros infantil e juvenil, fundou a própria editora em 2002. Lembrando as casas-editoras do século passado, criou o nome Casa Lygia Bojunga. Apesar de tão premiada que quase todo editor gostaria de tê-la em seu catálogo, ela foi paulatinamente relançando seus livros por conta própria, logo que os contratos expiravam. Além de lançar novos. Radical, deu ainda um formato de coleção ao conjunto da obra, independentemente do gênero textual. Assim, **Os colegas** e **Angélica**, decididamente “infantis”, **Aula de inglês** e **Querida**, notadamente “adultos”, **O Rio e eu** e **Feito à mão**, livros de memórias, têm o mesmíssimo formato.

Atualmente, todos os títulos são publicados pela autora, que acumula as funções de coordenadora editorial e artista gráfica. Os livros são pequenos e têm uma aparência delicada, lembrando as publicações francesas do século XIX. Na moldura da capa, na lombada e na contracapa, todos têm a cor amarela clara e as letras pretas. Os desenhos da capa obedecem a apenas duas variações: quando não têm cores fortes, são em preto e branco. A diagramação do texto do miolo também quase não muda: o tipo usado é o Centaur, no corpo 12,5 ou 13,5, as ilustrações são escassas e os parágrafos alinhados somente à direita. Com a casa editorial, Lygia criou o “Pra você que me lê”, espécie de carta ao leitor, que varia de um volume a outro e ainda não está presente em todos.

Veja-se o **Feito à mão**. A capa mostra um pedaço de tapeçaria simples, do tipo que muita gente tem em casa. Acima o nome da autora e abaixo o título, ambos no mesmo tipo, também simples. Num canto, o logotipo da editora, simples também. Na página 4, a descrição do que ilustra a capa: “Detalhe de uma almofada bordada por Margarida Bojunga Nunes”, a mãe de Lygia. Responsável pela escolha de cada detalhe do volume, ela usa na capa a imagem de uma almofada

que provavelmente tem em casa. A tapeçaria representa, aliás, várias casas justapostas. É uma escolha apropriada ao tom dos textos que vão dentro. Cada um se realiza como se a autora conversasse com o leitor, no sofá de casa. Por isso levei um deles para a primeira aula da primeira oficina literária que coordenei, há pouco mais de três anos. Começava assim:

Quando eu ligo a memória, é muito raro ver minha mãe parada, ela está sempre às voltas com agulha, linha e lã: caprichando no tapete o ponto de arraiolos, bordando o pano de mesa todo em cruz, preparando a tela pro *filet*, tricotando o suéter, crochitando a colcha, cerzindo a meia no ovo de madeira, cortando e alinhavando o pano pra me fazer um vestido. Então, eu nunca me lembro da minha mãe sozinha: é sempre ela e o costureiro. (BOJUNGA, 2005. p.47)

Na turma havia apenas mulheres. Terminada a leitura, pedi que cada uma dissesse o que acontecia quando ligava a memória. Influenciadas por Lygia, todas falaram de mãe ou avó e também de costureiro (que a maioria conhecia como caixa de costura). Foi um bom começo. Hoje, 15 turmas depois, continuo levando um ou outro texto desta autora para começar oficinas literárias. Porque, como se diz, não se ensina a escrever; sem dúvida, porém, escrever se aprende por diversos caminhos. Um deles é a leitura de Lygia Bojunga, justamente pelo tom de conversa à vontade que atravessa a obra, de **Os colegas** a **Querida**.

Um tom de conversa, porém, muito particular, marcado pela distância de que depende. Aliás, esta foi a razão de eu escrever a Lygia, no lugar de fazer uma tese de doutorado tradicional. Escrevi uma carta, que a banca classificou como romance ensaístico, e que se chama **Para Lygia Bojunga, a mulher que mora nos livros**. Ao longo de 250 páginas, procuro ler a mulher que se escreve em cada um dos volumes. Mulher que eu não conhecia senão pelo que lia; mulher que procurei nos textos e em outros elementos das edições atuais.

Enviei minha carta aos membros da banca e ao mesmo tempo para Lygia. Ainda antes da defesa, ela me respondeu, por *e-mail*. Afinal nos encontramos algumas vezes. Na data desta comunicação, porém, já estarei por um ano sem vê-la. De novo o pretexto da distância: é hora de retomar o modo carta.

“Uma casa pra morar”

Rio de Janeiro,
03/07/2011

O tempo como professora de oficinas literárias tem-me feito pensar sua obra por um novo prisma. Atualmente, uso textos seus para motivar a escrita dos alunos. Faço isso porque definitivamente não acredito que possa ensinar alguém a escrever. Mas acredito completamente que posso compartilhar meu trabalho de ler. Te ler, então, me dá um trabalho enorme. Para começo de conversa, se não tivesse te lido desde os sete anos, provavelmente não seria escritora. Ou certamente não seria esta escritora. Para completar, meu terceiro livro acaba de sair, enquanto escrevo o décimo.

Claro que gostaria de já ter publicado mais. Entretanto, a intimidade que me sobra com a escrita, me falta com o mercado editorial. Nas oficinas, inclusive, chego muitas vezes a avisar que

meu limite é o caderno. Já vou avisando, porque tem gente que procura oficina mais com o objetivo de publicar do que de escrever. Nesses casos, prefiro que nem paguem o curso e já procurem outro. Só posso falar de caderno. Este é o espaço onde me sinto à vontade e minha escrita faz sentido. É o que tenho para compartilhar. Pois sempre escrevi, mas publiquei pouco.

Uma vez, um aluno me abordou no final de uma aula e perguntou: “O que é bom escrever?”. Pedi para explicar melhor a pergunta e, em suma, ele queria saber o que o mercado editorial estava querendo... A conversa não foi adiante e o aluno não apareceu mais: meu limite é o caderno. Mas, sendo sincera, Lygia, quando um aluno pragmático assim me põe contra a parede, eu me ponho em questão. Afinal, para que serve escrever no caderno, na hora do *e-book* e das redes sociais? Será que, ao privilegiar o caderno, te imito e me prejudico? Tenho 40 anos e você, 80; faz sentido eu manuscruver como você?

Como você eu manuscruvo, mas não **tanto quanto**. Agora mesmo, digito. Meus cadernos são meu ponto de partida. Você, ao contrário, pensou em caligrafar a primeira edição de **Feito à mão**, exemplar por exemplar. Claro que não foi possível, e o projeto resultou numa solução quase artesanal. Na primeira edição industrial, explica o que a moveu:

durante o projeto **Feito à mão**, quando eu pensava ou dizia, estou fazendo um livro, eu sentia **mais** do que quando, antes, eu dizia que estava fazendo um livro. Sabe por que, não é? É que eu me sentia literalmente “metendo a mão” no LIVRO, e isso me dava uma sensação de – como é que eu vou te explicar? – uma sensação de mais intimidade com ele, é isso. Uma relação que já era tão rica se enriqueceu ainda mais. (BOJUNGA, 2005. p.39)

A passagem é do “Pra você que me lê”, cujo título, pelo menos, você caligrafou. “Metendo a mão” assim no projeto gráfico, você busca a intimidade com o livro. Busca também compartilhar a intimidade com o leitor, visto o tom da passagem citada. Adiante, acrescenta:

E assim, um dia desses, quando você entrar numa livraria qualquer, é possível que encontre o **Feito à mão** por lá. É também possível que você saia da livraria me abraçando (ele sou eu, não é?).

E então você e eu vamos continuar mais um livro juntos e juntas, levando adiante o jeito que escolhemos de nos comunicar. (BOJUNGA, 2005. p.43)

O trecho é riquíssimo. Ao tom de intimidade com o leitor, somam-se a identificação autor e objeto-livro, o distanciamento do gênero infantojuvenil e a proximidade da escrita autobiográfica. Este aspecto costura os outros. Conforme mostrei na carta anterior, seu espaço autobiográfico não para de alargar.

Até o lançamento de **Livro, um encontro**, você havia publicado nove títulos, todos de ficção. É notável que se tenha feito personagem frequente, tempos depois. Você aparece em **Fazendo Ana Paz** (1991), **Paisagem** (1992), **Feito à mão** (1996), **O Rio e eu** (1999) e **Retratos de Carolina** (2002), além de se fazer presente em outros onze livros, através do “Pra você que me lê”.¹ O efeito de relação pessoal entre nós ganha força pelo tanto que você fala de si. Além disso, com a

¹ São 16 desses textos, nos seguintes títulos: **Angélica**, **Tchau**, **Meu amigo pintor**, **Nós três**, **Livro - um encontro**, **Fazendo Ana Paz**, **Paisagem**, **O abraço**, **Feito à mão**, **A cama**, **O Rio e eu**, **Retratos de Carolina**, **Aula de inglês**, **Sapato de salto**, **Dos vinte 1 e Querida**.

Casa Lygia Bojunga, você passou a responsável pelo projeto gráfico e pela coordenação editorial. No “Pra você que me lê” de **Livro...**, inclusive, destaca suas próprias decisões, informando que o livro sai com as “fotos que acompanharam sua publicação original. Também não mexi no texto. A não ser a abreviação do título, a fim de não repetir meu nome na capa, uma vez que venho querendo dar a meus livros uma **cara de coleção**”.² (BOJUNGA, 2007. p.94)

Na primeira orelha de cada volume, chama atenção o desenho de um livro aberto que você inseriu sobre sua fotografia. Em forma triangular, o livro serve de telhado, no desenho de casa que te abriga. A imagem da casa com telhado de livro e você dentro, associada ao nome da editora, Casa Lygia Bojunga, remete ao texto de 1982. Foi a primeira vez que você escreveu sobre si. Começou assim:

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena, os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. (BOJUNGA, 1988. p.7)

O texto, que se chama “Livro: a troca”, chama atenção para os ganhos que a leitura pode proporcionar – “quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava” (BOJUNGA, 1988. p.8) –, originando algumas vezes um novo escritor: “Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cisei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.” (BOJUNGA, 1988. p.8)

“Parece até que a casa é minha, não é?”

Durante meu doutorado reli sua obra através da metáfora da casa. Recriei sua imagem de autora a partir da ideia de uma casa feita de livros, uma referência sua ao criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo. É frequentemente citada a carta onde Lobato diz ao amigo Godofredo Rangel que gostaria de fazer livros onde as crianças pudessem morar.³ Portanto, marcando cada vez mais a presença do elemento **casa** na sua obra, você repercute a menina que aderiu ao sonho do escritor. Em **Livro...**, você aponta a afinidade com os personagens, já na primeira leitura, aos sete anos:

E quando cheguei no fim do livro eu comecei tudo de novo, numa casinha branca lá no sítio do Pica-pau Amarelo, e fui indo toda a vida outra vez, voltando atrás num capítulo, revisitando outro, lendo de trás pra frente, e aquela gente toda do sítio do Pica-pau Amarelo começou a virar a gente. Muito especialmente uma boneca de

² O negrito é seu.

³ “Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar”. (Carta a Godofredo Rangel, Rio de Janeiro, 1926). In: <http://unisinos.br/blog/biblioteca/2011/04/11/abril-e-o-mes-de-monteiro-lobato/> - Último acesso em 16/07/2011

pano chamada Emília, que fazia e dizia tudo que vinha na cabeça dela. A Emília me deslumbrava! nossa, como é que ela teve coragem de dizer isso? ah, eu vou fazer isso também! (BOJUNGA, 1988. p.12)

Curiosamente, como editora, você faz o contrário do autor de Emília. Lobato é apontado como precursor do marketing editorial no Brasil, “num processo que encontra sua expressão em comparações e metáforas variadas, geralmente com acento cômico, como no caso em que o livro é comparado a ‘batata, querosene ou bacalhau’”. (CECCANTINI, 2008. p.74) A materialidade do livro era assim uma preocupação para ele:

Pode-se dizer, sem maior exagero, que antes de Lobato o livro brasileiro era feio, consistindo num objeto padronizado, sem maior personalidade ou atrativo para seus potenciais leitores. Tínhamos um livro ainda preso essencialmente ao modelo francês das capas tipográficas, em geral amarelas. Lobato muda o formato clássico do livro, atenta para a qualidade do papel e investe nas capas desenhadas, coloridas, que trazem ilustrações encomendadas especificamente para esta ou aquela obra. (CECCANTINI, 2008. p. 76)

É impressionante: você faz o contrário em detalhes. E olha que, naquela época, os poucos livros para crianças concorriam apenas com gibis e brinquedos como carrinhos de rolimã. Você mesma comenta que, antes de **Reinações de Narizinho**, gostava de ler apenas histórias em quadrinhos. Terminava a década de 1930. Em 2011, a situação da literatura é bem outra. Você lembra que trabalhei numa livraria grande, situada numa das áreas mais elitizadas do Rio de Janeiro. Ali, observei que faziam sucesso, com as crianças pequenas, livros adaptados de séries da televisão. Os adolescentes preferiam traduções de livros mais vendidos nos Estados Unidos. E os adultos só viam sentido em comprar o que agradasse de imediato.

Para vender, as editoras cada vez capricham mais na aparência das obras. Muitas vezes, é pela imagem que um livro chega a uma feira internacional. Sabendo de tudo isso, você optou pelo caminho contrário. Seu projeto gráfico não revela o destinatário do livro, tornando a exposição da sua obra um problema. Te contei que uma amiga quis comprar um livro seu para a filha de oito anos e ficou perdida. Se coloca no lugar dela: como saber qual levar, se todos têm a mesma cara?

Parece, portanto, que você quer afastar possíveis **consumidores**. Você quer encontrar com seu **leitor** no sofá da casa dele; ou melhor, da sua casa; quero dizer, no livro que se torna a casa de ambos... Melhor exemplificar com esta parte do diálogo entre a narradora de **Paisagem**, uma escritora que mora em Londres, e o leitor, que ela vem visitar, no Rio de Janeiro:

- Mas que coisa que eu não esperava!
 - Que bom que aconteceu esse encontro, Lourenço.
 - Bom só? Maravilha!
 - Entra, senta. Parece até que a casa é minha, não é? (...)
- (BOJUNGA, 1992. p.26)

Ela encontrara a casa vazia. Era alugada até pouco tempo antes pela família do adolescente. A escritora comenta ainda que é muito parecida com uma casa onde morou. Engraçado que, na

realidade, é você que mora numa casa semelhante à descrita em **Paisagem**. Inclusive no mesmo bairro, Santa Teresa. Lugar onde conversei com você, sentada no sofá amarelo.

“Casos de amor”

Você fala muito nos seus cadernos, também tenho os meus e, devido ao excesso de movimentação no mercado editorial, recentemente passei a valorizá-los. Publica-se em excesso. As livrarias não têm espaço nem condições gerais de manter tanto estocado e, como se não bastasse, comemora-se a chegada do *e-book*... Aceleração maior à vista! Em meio às discussões sobre novas tecnologias, eu me pergunto, Lygia, sobre o espaço da literatura hoje. Sim. Porque a literatura está ao lado do silêncio. E atualmente faz-se muito barulho por todos os lados.

Sua ideia de fazer um livro à mão revelou seu desejo de ir contra a tendência do mercado. Optando por exemplares artesanais em pequena quantidade, você venderia o livro diretamente para os leitores, após uma conversa com eles. Era uma tentativa de tornar pessoal uma relação que se revelava distanciada à medida que a Lygia-leitora dava lugar à Lygia-escritora. Você não se conformava do seu livro ir ter com o leitor, queria ir junto. Não foi à toa que aderiu à escrita autobiográfica.

Em **Livro, um encontro**, contou sua história de leitora, revelando seis “casos de amor” com autores ou obras (você costuma não distinguir um do outro). Monteiro Lobato te livrou de pronunciar palavras que não te soavam bem, como “Mandreike”, “infantas”, “Flachi Gordon” e “raparigas na roca a rezar” (BOJUNGA, 1988. p.12). Numa linguagem brasileira, o escritor se interpunha aos quadrinhos traduzidos do inglês e aos enredos desinteressantes vindos de Portugal. **Reinações de Narizinho** foi seu primeiro caso de amor. Você nunca mais parou de ler, porém só amou na mesma intensidade dez anos depois, e duas obras de uma vez: **Crime e Castigo**, de Dostoiévsky, e uma coletânea de contos de Edgar Allan Poe. Então já sentia, “mesmo não conscientizando muito bem, essa transa tão peculiar, tão única, que liga o leitor ao escritor, e que faz com que a gente passe a sentir falta da atmosfera que certos escritores criam nos livros que eles escrevem.” (BOJUNGA, 1988. p.16)

Três outros “casos” viriam, bem mais tarde. Um sucesso mundial de vendas, que você não revela quem é, Rainer Maria Rilke – “O que eu sei é que foi **Cartas a um jovem poeta** que me mostrou que o escritor é o livro que ele escreve” (BOJUNGA, 1988. p.22) – e Fernando Pessoa em dois tempos, um “caso” retomado com 17 anos de intervalo:

E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode revisitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros com os quais a gente teve um caso de amor. Está tudo ali, retido, seguro, todas as nossas sensações daquele tempo. E não importa que a gente diga, ué, como é que eu fui me apaixonar por ele? puxa, se fosse hoje eu não me apaixonaria mais. Não importa. Ele continua a ser o depositário de toda aquela emoção do passado. (BOJUNGA, 1988. p.29)

Merecendo analogia com o caso de amor e o ato sexual, a leitura não só mistura autor e obra, como leva o leitor a fazer parte do texto. Ainda em **Livro, um encontro**, você fala a um de seus autores amados: “Tá, tudo bem, você escreveu um bocado de texto, mas... e as entrelinhas? e as pausas? os espaços em branco? as ambiguidades? Sou eu que fico enchendo aquilo tudo, não é? Eu:

leitora. E não me pagam um tostão de direito autoral!” (BOJUNGA, 1988. p.21)

Vida de leitor é assim mesmo, Lygia. Veja a minha situação. Continuo cheia de vazios, mesmo depois de você “meter a mão” em cada um dos seus livros. Olha só quantas perguntas para te fazer:

. Você diz que só cria no caderno, nunca tendo usado o computador senão para digitar o texto já pronto. O que escreveu que ficou apenas no caderno? Faz diário?

. Qual a diferença entre um texto estar no caderno ou no livro?

. Os seus textos publicados fariam sentido para você se não saíssem do caderno? Ou escreve já pensando em publicar?

. Em **Livro...**, você revela o alívio de escrever **Os colegas**, depois de anos escrevendo para rádio e televisão: “O luxo de corrigir e reescrever, somado à sensação da liberdade me rondando, me roçando, me envolvendo, fez uma impressão tão forte dentro de mim, que eu saí desse primeiro encontro pressentindo que fazer literatura ia ser pra mim uma imensa aventura interior” (BOJUNGA, 1988, p.55) Se o importante para você é a “aventura interior”, enquanto os ditames do mercado lhe parecem tão descaracterizadores, por que não se limita a escrever cadernos?

. Imagina seus textos no formato eletrônico? Vai aderir ao *e-book*?

. Se preocupa em como chegar aos leitores? Como sua obra tem sido divulgada?

. Como vê a evolução do seu estilo desde **Os colegas** até **Querida**?

. O que você pretende com seus livros, hoje?

. Se interessa pelos lançamentos? O que costuma ler?

. Certamente pensa no destino dos seus cadernos depois da sua morte. O que pensa?

Por enquanto é isso, Lygia. Obrigada por tudo!

Conclusão

Considerando o discurso de Lygia Bojunga sobre sua própria formação de escritora, busco refletir sobre a formação do escritor de textos literários na contemporaneidade, na aurora do *e-book* e em meio a tantas novas tecnologias. Num tempo que demanda a leitura de literatura e dos diversos produtos de uma indústria cultural que tem sempre novidades, a sugestão de uma certa intimidade entre autor e leitor pode funcionar como provocação ao trabalho do futuro escritor. Preocupa-me, em síntese, a transmissão da experiência literária na contemporaneidade e, mais especificamente, através do que Lygia escreve.

Faz três anos, criei um curso, Oficina de Autoficção, com o objetivo de compartilhar minha experiência de escrever. O andamento das aulas me mostrou o quanto essa experiência, que eu imaginava tão própria, relacionava-se à minha leitura da obra de Lygia. Num desdobramento adorável, constatei ainda a ligação do conjunto com um jeito de escrever vindo de Emília, que assume suas memórias como fantásticas (LOBATO, 2007) Através de exercícios diversos, tenho compartilhado com as turmas minha experiência de ler-escrever, talvez mais voltada à “aventura interior” que ao mercado de livros. Hoje, iniciando a 16ª oficina, posso garantir: Lygia Bojunga tem

atraído seguidores fiéis. Não garanto, contudo, que tenham lugar na hora do *e-book*. Não garanto, mas aposto que sim.

Referências bibliográficas

BOJUNGA, Lygia. “Pra você que me lê”. In: _____. *Livro, um encontro*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.

_____. *Angélica*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

_____. *Os colegas*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.

_____. *O Rio e eu*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

_____. *Aula de inglês*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

_____. *Querida*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.

_____. *Feito à mão*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

_____. *Retratos de Carolina*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2002.

CÂMARA, Ana Letícia Pires Leal. *Para Lygia Bojunga, a mulher que mora nos livros*. Tese de doutorado, PUC-Rio – Departamento de Letras, 2010.

CECCANTINI, João Luís; LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. São Paulo: Editora Globo, 2007.

NUNES, Lygia Bojunga. *Livro, um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

_____. *Paisagem*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

_____. *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.